

DESAFIOS DA FORMAÇÃO DOCENTE NA INTRODUÇÃO DA LITERATURA PARA SURDOS EM PRÁTICAS DE LETRAMENTO

Thainá Cardoso Fortes¹

Jailma do Socorro Uchôa Bulhões Campos²

Na Educação Inclusiva, parte-se do princípio de inclusão baseado nos pilares da Organização das Nações Unidas – ONU e seu modelo de educação ao longo da vida, com os quatro pilares para o desenvolvimento de uma sociedade na qual todos podem ter oportunidades de aprendizado e desenvolvimento. Assim buscaremos promover uma inclusão escolar de inserção radical, completa e sistemática de todos os alunos, sem exceções, em ambientes de ensino, para que a partir daí se promova uma inclusão *social* desses múltiplos sujeitos, nos sistemas sociais gerais, incluindo mercado de trabalho e demais práticas de exercício da cidadania.

No contexto aqui implicado, discorreremos especificamente sobre os desafios da prática docente com alunos surdos e o papel da literatura no letramento desses sujeitos, preparando-os para a vida, em uma análise a partir de relatos de experiências dentro do Projeto “Práticas Literárias com Alunos surdos”, desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID na Escola Estadual Astério de Campos, em Belém do Pará.

Faz-se necessário frisar que na busca por uma educação Inclusiva efetiva, a capacidade de letramento desses alunos é imprescindível, visto que o letramento é o estado ou condição de quem não apenas lê e escreve, mas é capaz de cultivar e exercer práticas sociais que envolvam o uso da língua em interação social, além da capacidade de conscientização e formulação crítica (Soares, 2009). Eis o grande desafio das práticas docentes dentro da Educação Inclusiva.

A consolidação das práticas de letramento no Brasil se dá a partir da tradição literária e cultural, que molda os valores pessoais e sociais de muitos brasileiros, a cultura familiar e sua estruturação, a formação escolar e profissional, como também a emancipação de indivíduos. Tomemos como norteadoras deste trabalho as palavras de Antônio Candido (1995), quando se

¹ Graduanda em Letras Língua Portuguesa, FALE/ILC/Universidade Federal do Pará/UFPA – thaina.fortes@ilc.ufpa.br

² Orientadora. Doutora em Multimídia em Educação. Professora de ensino-aprendizagem do português FALE/ILC/Universidade Federal do Pará– jailma@ufpa.br

refere à literatura como um direito de *todos*, portanto deve ser assegurado para o bom desenvolvimento das sociedades, por ser um importante instrumento para um funcionamento mental crítico e reflexivo, sendo inegável seu caráter civilizatório.

O esforço de incluir o semelhante no mesmo elenco de bens que reivindicamos para nós está na base da reflexão sobre os direitos humanos (Candido, 1995) básicos em todo processo de inclusão; logo, ao educador em formação caberá reivindicar em seu fazer docente esse ato de tornar viável a todos o direito de acesso à literatura, tão fundamental quanto o direito à vida, à moradia, ao saneamento, à justiça, etc. Quando tratamos da realidade do aluno surdo, o grande desafio é estreitar a distância entre a perspectiva teórica e a prática. A seguir, apresentamos uma análise desses desafios na realização de uma oficina intitulada: “Clarice Lispector e a terceira fase do Modernismo no Brasil” com alunos que nunca tiveram contato com literatura e com a obra dessa autora.

Os caminhos metodológicos adotados para a realização desta prática estiveram implicados primordialmente na preocupação com a adaptação dos assuntos a serem abordados em sala de aula. Partimos da escolha de um conto, a partir do qual aproveitamos para debater sobre as características desse gênero literário, para então introduzir informações sobre a autora. Buscamos nesse processo de adaptação de materiais para acessibilidade pedagógica com os alunos surdos trabalhar sempre a partir da tríade Imagem-Língua Portuguesa-Libras, utilizando recursos como vídeos, slides com imagens, jogos com palavras-chave em português e a comunicação em Libras.

O conto escolhido foi “A menor mulher do mundo”, extraído do livro *Laços de Família*, da autora Clarice Lispector. Essa escolha não se deu à toa. Por se tratar de um texto polêmico sobre a alteridade, racismo, xenofobia e diferenças culturais, queríamos promover um debate entre os educandos para possibilitar a prática de troca de saberes e experiências, além de gerar identificação e reflexão.

O processo de pesquisa para a realização desta oficina se deu, entre outras práticas, com uma prévia entrevista com os alunos de Atendimento Educacional Especializado – AEE em faixa etária de preparo para o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM (a maioria estava no 3º ano do ensino médio, alguns no 1º e 2º, com idades entre 15 a 19 anos), em que muitos relataram ter pouquíssimo ou nenhum contato com literatura, além de não entender as aulas do ensino regular, o que, segundo esses alunos, desmotiva-os a aprender a disciplina. Além das barreiras linguísticas expostas na leitura dos livros em Língua Portuguesa e a ausência de professor bilíngue no contexto da sala de aula regular, mesmo que conte com a presença do

intérprete de Libras, para os alunos há diferenças de cunho pedagógico que os impediriam de efetivar a aprendizagem.

Nessa abordagem, enquanto docentes em formação neste processo de pesquisa e adaptação de materiais para a prática, buscamos entender como o sujeito surdo pensa, interpreta, investiga, analisa, reformula e ressignifica para apreender, assimilar e se apropriar de um saber até então desconhecido para eles (Falcão, 2017). Essa investigação se deu em vários meses de acompanhamento e assessoramento educacional no Atendimento Educacional Especializado (AEE), buscando primeiro nos familiarizarmos com esses discentes para compreender suas demandas.

No exercício da prática pedagógica, procuramos variar os estímulos visando prover sempre a melhor interação possível, respeitando as implicações linguísticas dessa interação professor-ouvinte e aluno surdo, utilizando-nos da Libras e da Língua portuguesa como meio e fim para interação social, de importância cultural, política e científica, tomando especificamente a Libras como instrumento principal por se tratar da língua materna do surdo e a língua portuguesa como segunda língua para viés de alfabetização e letramento, haja vista que seu uso se faz necessário para estimular a produção e a compreensão dos textos no âmbito escolar. Assim, escolhemos trabalhar esta prática dentro do modelo de oficina, realizada em três dias consecutivos, sendo o primeiro para apresentação do conceito de Literatura e gêneros literários; o segundo para apresentarmos a autora, passando brevemente pela sua biografia, principais obras e estilo, e, por conseguinte, fazermos a leitura do conto em modelo de exposição texto-imagem; no terceiro e último dia de oficina, aprofundamos a discussão sobre a temática do conto e promovemos uma interação, dividindo os alunos-participantes em dois grupos, nos quais os próprios educandos deveriam construir mapas mentais, visando reativar em suas memórias o conteúdo trabalhado durante os três dias.

Tendo em vista que o objetivo das oficinas era propor uma interação genuinamente bilíngue, trabalhando sempre o texto escrito, a sinalização e os recursos visuais/imagéticos essenciais como facilitadores no entendimento dos alunos sobre o conto trabalhado, conseguimos concretizar um ambiente de interações genuínas, em que os docentes em formação atuaram como facilitadores do processo de ensino e aprendizagem por meio de uma interação e engajamento surpreendentemente positivo em três dias de oficina, com registro de 100% de presença e envolvimento dos alunos. Nesses processos de interações, fomos agraciados pelos próprios alunos surdos se posicionando como protagonistas e auxiliando outros colegas de turma a acompanharem o entendimento de todos os conceitos trabalhados.

Esse trabalho se desenvolveu não apenas com saberes técnicos e planejamento científico, mas também observamos a necessidade de um preparo físico, emocional e afetivo para lidar com os alunos e envolvê-los numa prática de ensino honestamente respeitosa. Ao propormos a dinâmica da construção de um mapa mental com as informações trabalhadas a respeito das características do Gênero literário Narrativo, com enfoque em Conto e as informações principais do conto de Clarice Lispector, visávamos estimular as diversas possibilidades de compreensão textual dos discentes, além de revisar o conteúdo trabalhado. Também ressaltamos a importância da literatura como meio de expansão lexical, impactando na visão de mundo e na forma de expressividade desses alunos e trabalhando a ilustração dos conceitos e o debate entre eles. Dessa forma, além de introduzir novas palavras em língua portuguesa, até então por eles desconhecidas, em conjunto também dialogamos sobre possíveis sinais em Libras que poderiam representar essas palavras e conceitos na visão deles, considerando seus conhecimentos prévios.

Essa dinâmica se fez necessária, posto que um dos problemas observados nesses meses de acompanhamento em AEE foi justamente a dita carência vocabular e as dificuldades lexicais do aluno surdo, sendo a literatura um meio eficaz para se trabalhar estratégias de superação dessas dificuldades. Para a pesquisadora Botelho (2005), é comum que tenhamos a perspectiva de construção do texto associada à ideia de domínio de palavras, o que faz com que os surdos se habituem a parar nas palavras desconhecidas durante a leitura de um texto em língua portuguesa, como se a construção de sentido do texto fosse lexical. Todavia, buscamos justamente promover essa compreensão textual pelo viés do letramento, acionando palavras sinônimas através do conhecimento prévio do aluno, fazendo-o engajar-se com a construção de sentido expandido e simbólico do texto, não apenas literal. Nesse viés, a construção de debate em sala sobre as temáticas do conto foi essencial.

Outro ponto desafiador em processo de pesquisa e prática para escolha da obra literária foi nos depararmos com obras da literatura mundial adaptadas em Libras apenas para o público infantil, a exemplo de “O patinho surdo”, adaptação da história “O patinho feio”. Em se tratando do trabalho com alunos do ensino médio, uma escolha como essa não seria atrativa e não geraria engajamento com um público adolescente, por isso optamos por uma autora mais robusta e expressiva, com questionamentos existenciais que não apenas os ouvintes vivenciam. Logo, propusemos a discussão sobre a necessidade de adaptar materiais mais coerentes e adequados com a faixa etária dos alunos, não relegando aos surdos um lugar de estudante pouco desenvolvido e, portanto, infantilizado.

Por fim, observamos que um eficaz desenvolvimento da capacidade de interpretação e produção de textos por parte do aluno surdo não se resolve apenas com o conhecimento isolado de palavras se eles não souberem relacionar com o contexto. O que consideramos como um fator determinante é o fato de muitos relatarem não entender ou conhecer literatura mesmo cursando a disciplina na escola regular, posto que o tradutor intérprete de Libras está lá para “traduzir” a fala do professor, que seria em teoria a pessoa com mais conhecimento sobre o contexto da obra literária a ser trabalhada em sala de aula. Justamente por isso, é de imprescindível importância que o docente em formação busque se envolver no aprendizado da Libras, na adaptação de materiais e no uso estratégico de recursos multimídia para melhor envolver seu aluno no contexto necessário para a promoção da aprendizagem.

Consideramos imprescindível uma formação docente comprometida em organizar situações de aprendizagem para desafiar o educando e elaborar conhecimentos como um educador que também aprende quando estabelece a troca de saberes dentro de uma prática pedagógica consistente, séria e comprometida com a educação libertadora e a formação continuada. Essas são perspectivas essenciais para a vivência de um educador, a partir das quais poderemos assumir um compromisso real com as práticas de letramento na educação inclusiva, não apenas no âmbito da teoria.

Palavras-chave: Formação docente, Ensino de literatura, Inclusão do aluno surdo, práticas de letramento.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura. Vários escritos**, v. 3, p. 235-263, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 19897, 2022.

SOARES, Magda. **Letramentos: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

BOTELHO, Paula. **Linguagem e Letramento na educação dos surdos – Ideologias e práticas pedagógicas**. 1º edição., Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FALCÃO, Luiz Albérico. **Surdez, cognição visual e libras: estabelecendo novos diálogos**. 5º edição, Recife: Ed. do Autor, 2017.